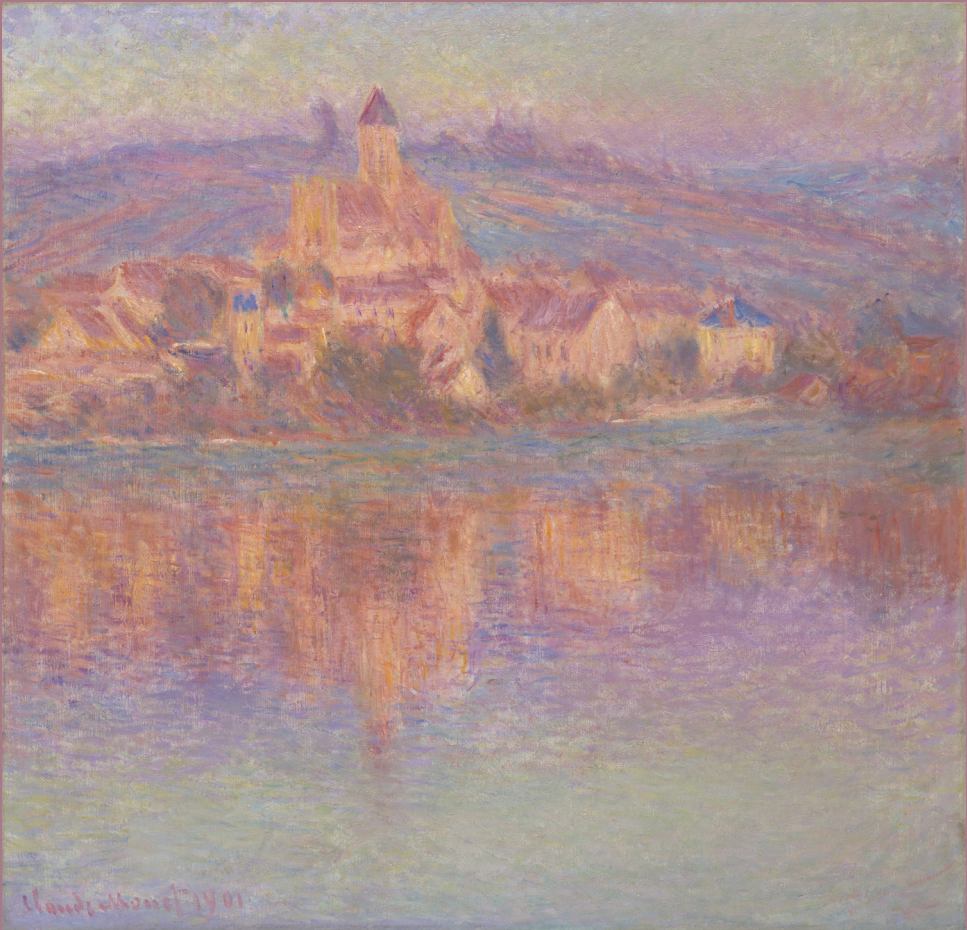


# CADERNOS

28

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Caminhos e fronteiras da tradução literária

# Na confluência das línguas: narrativas do exílio de Arkadi Aviértchenko e Teffi

Márcia Chagas Kondratiuk\*  
Ekaterina Vólkova Américo\*\*

**Resumo:** Apresentamos traduções de três narrativas curtas cujo gênero pode ser definido como conto satírico, crônica, ou folhetim – *A tragédia do escritor russo* (1920), de Arkadi Aviértchenko, *Que faire?* (1920) e *Cidadezinha* (1927) de Teffi. Escritas no decorrer da primeira onda da emigração, resultante do colapso do Império Russo, Revoluções de 1917 e Guerra Civil, elas revelam e ficcionalizam as primeiras impressões dos emigrados russófonos em terras estrangeiras.

**Palavras-chave:** Literaturas em língua russa; Tradução; Arkadi Aviértchenko; Teffi; Exílio.

**Abstract:** We present translations of three short narratives whose genre can be defined as a satirical story, chronicle, or feuilleton – *The Russian Writer's Tragedy* (1920), by Arkady Averchenko, *Que faire?* (1920) and *Little Town* (1927) by Teffi. Written during the first wave of emigration, resulting from the collapse of the Russian Empire, the 1917 Revolutions and the Civil War, they reveal and fictionalize the first impressions of Russophone émigrés in foreign lands.

**Keywords:** Russian-language literatures; translation; Arkady Averchenko; Teffi; Exile.

---

\* Márcia Chagas Kondratiuk: Formada em Letras pela FFLCH-USP e Matemática pela PUC - SP. Educadora em Língua Portuguesa e Criação Literária, revisora e tradutora. Publicou “O Trem dos Animais” (2013), “Lagartoleta” (2014), “Deusas Cegas” (2018) e “A Fábrica do Tempo” (2019), pela Editora Glostri, e participou como cotradutora em “Antologia do Humor Russo” (Editora 34, 2018). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1993-2890>. E-mail: [marciacha2004@yahoo.com.br](mailto:marciacha2004@yahoo.com.br).

\*\* Ekaterina Vólkova Américo: Professora de Literatura e Língua Russa da Universidade Federal Fluminense. Tradutora e pesquisadora de literaturas e teoria literária em língua russa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5240530802975608>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5847-2444>. E-mail: [ekaterinamerico@gmail.com](mailto:ekaterinamerico@gmail.com).

## Apresentação

Como consequência do processo revolucionário de 1917 e da Guerra Civil subsequente, milhões de cidadãos do Império Russo viram-se obrigados a deixar o país, dentre eles os escritores Arkadi Aviértchenko (1880-1925) e Teffi (pseudônimo literário de Nadiêjda Lokhvítskaia, 1872-1951). A cidade de Constantinopla, inicialmente, e depois as de Sófia, Belgrado, Praga, Berlim, Paris, Harbin e Xangai, além dos Países Bálticos, tornaram-se os principais centros do exílio. Felizmente para os emigrados e para o mundo, a separação da pátria, a sensação de não-pertencimento, o desemprego e a pobreza não foram os únicos frutos desse exílio. Formou-se e fortaleceu-se então uma vasta e rica cultura que costuma ser chamada de sociedade russa no exterior (RAEFF, 1990, p. 5). O mais correto, no entanto, seria chamá-la de sociedade russófona no exterior, em vista de sua composição heterogênea.

A escolha dos contos por nós traduzidos foi determinada pela maneira bastante peculiar como Teffi e Aviértchenko ressignificam suas angústias nos primeiros anos de exílio mediante ficcionalização, ironia e subversão grotesca, inclusive ao nível da linguagem em que ocorrem combinações das mais improváveis entre o idioma russo – português, no caso da tradução – e o francês (VÓLKOVA AMÉRICO; CHAGAS KONDRATIUK, 2021, p. 11).

Na perspectiva de sua ordem cronológica, as crônicas revelam uma espécie de enredo: a instauração da tragédia (*A tragédia do escritor russo*), a busca por respostas e soluções (*Que faire?*) e a tentativa de recriar a pátria perdida no exterior (*Cidadezinha*).

Em *A tragédia do escritor russo* vemos o personagem – o próprio escritor russo com todos os deveres e responsabilidades que essa posição implica – partindo para o exílio a bordo de um navio a vapor. Seu pronunciamento patético que começa com “Adeus, minha pobre terra destrocada. Abandono-te por algum tempo” é uma perífrase do poema de Mikhail Lérmontov, poeta e também um exilado, *Adeus, ó Rússia mal lavada* (SCHNAIDERMAN; ASCHER, 2018, p. 200-201). Dessa forma, o personagem se insere no longo rol dos poetas, escritores, artistas e filósofos que algum dia tiveram de abandonar suas pátrias. A diferença é que aqui temos um escritor impotente. A cada ano que passa no estrangeiro, ele afunda no esquecimento de tal maneira que não consegue mais criar: suas tentativas de escrever memórias da pátria perdida são frustradas pelo afastamento desta, bem como da língua materna.

Paradoxalmente, enquanto no plano do enredo é anunciada a tragédia – a impotência da escrita, – no plano linguístico ocorre o contrário. É justamente da

confluência das línguas – nativa e estrangeira, velha e nova – e de seus alfabetos e modos de dizer que nasce o novo, a nova linguagem, a nova literatura. E esse fenômeno é conhecido na história. Basta pensarmos, em um esforço de imaginação, o que deve ter sido para os orgulhosos Romanos verem o seu precioso latim ser transliterado, deformado e devorado por todos os novos povos do Império, dando origem às línguas românicas.

Mikhail Bakhtin, ao referir-se ao plurilinguismo que caracterizou o advento da Renascença, observa que a obra de François Rabelais foi marcada por combinações linguísticas puramente carnavalescas que só podiam surgir na fronteira entre dois ou mais idiomas (BAKHTIN, 1987, p. 415). Ainda de acordo com Bakhtin, tal confluência das línguas resulta na superação do dogmatismo linguístico e, no limite, na liberdade absoluta:

Essa pluriatividade das línguas, a faculdade de olhar a sua própria língua do exterior, isto é, com os olhos das outras línguas, tornam a consciência excepcionalmente livre em relação à língua. Esta torna-se extremamente plástica, mesmo na sua estrutura formal e gramatical. No plano artístico e ideológico, o importante é principalmente a *excepcional liberdade* das imagens e das suas associações, em relação a todas as regras verbais, a toda a hierarquia lingüística em vigor. As distinções entre elevado e baixo, interdito e autorizado, sagrado e profano perdem toda a sua força (BAKHTIN, 1987, p. 416).

De fato, a literatura da emigração trillhou novos caminhos que seriam inviáveis sob o dogma do realismo socialista: foi possível explorar enredos e temas censurados tanto no Império Russo, quanto na URSS.

Nas crônicas que traduzimos, a libertação das amarras da língua materna resulta na criação de uma nova linguagem macarrônica. A fusão entre as duas línguas, a russa e a francesa, ocorre das maneiras mais variadas. Como observa Teffi em *Cidadezinha*, “os habitantes da cidadezinha falavam um estranho dialeto, no qual, entretanto, os filólogos reconheciam sem dificuldade raízes eslavas”. Um alfabeto literalmente invade o outro: as palavras francesas são escritas em alfabeto cirílico, algo que, infelizmente, não foi possível recuperar na tradução. Em *Que faire?* os próprios emigrados são chamados de *lerussi*: neologismo escrito em cirílico que combina *les russes* do francês com a terminação *i* que marca o plural em russo. Na mesma crônica, o general refugiado em Paris exclama: “Tudo isso, senhores, é claro, está bom! Está mesmo muito bom. Mas... *Que faire? Faire* o quê?” Portanto, uma das assim chamadas questões malditas da Rússia oitocentista – o que fazer?

– é reformulada numa estranha mistura das línguas, além de ser toda grafada pela escritora em alfabeto cirílico.

Na crônica de Aviértchenko, o tragicômico esquecimento da cultura e língua maternas por parte do escritor resulta, de fato, em excepcional liberdade. O resultado de suas tentativas de redigir memórias é um verdadeiro desastre e, ao mesmo tempo, a apoteose da subversão:

Estava um grande chuvinha. O tempo parecia aquilo que se chamava um *véritable pertersburgean*. Um jovem senhor andava sobre uma rua, de nome esta rua Khreschiátik. Ele queria muito *manger*. Ele entra na Koniúchnia, montar no *medvéd*, e ir ao *restaurant* onde ele dizer: – ‘*Garçon, une tasse de rabinóvitch e uma zastegáitchik avec um prrratinho com sopa de peixe...*

A impotência de sua escrita é superada somente quando se instala na fronteira dos três idiomas: ucraniano, francês e russo (que na tradução é substituído por português), pela criação de neologismos como *rabinóvitch* e *zastegáitchik* e pela confusão geográfica em que são misturadas as cidades de São Petersburgo, Kyiv, Odessa e Paris.

Arkadi Aviértchenko  
**A tragédia do escritor russo<sup>1</sup>**

Às vezes me perguntam:

– Ingênuo! Por que ficar à toa em Constantinopla? Por que não vai embora pra Paris?

– Tenho medo – cochicho acanhado.

– Estranho. Tem medo de quê?

– Sou escritor. Receio que ao me separar da terra natal eu perca a ligação com minha língua.

– Ora! Mas que terra natal é essa – Constantinopla?

---

<sup>1</sup> Tradução a partir de: Aviértchenko, Arkadi. A tragédia do escritor russo. [Traguédia rússkogo pis-sátelia]. In *Notas de um ingênuo. Os emigrantes em Constantinopla. [Zapiski prostodúchnogo. Emigránty v Konstantinópole]*. Moscou: Glavlit, 1922, pp. 99-103.

– Desculpe, mas não há diferença alguma. Se passa um automóvel, o chofer grita: “Por favor, senhor”. Oferecem-lhe flores dizendo: “Não quer comprar umas florzinhas?” Ao lado lhe dizem: “Olha o doce, sonhos maravilhosos!” Chegando ao restaurante, conversa-se com o porteiro sobre Dostoiévski. No *café-chantant* está tocando:

Matriókha, deixe a falsidade para lá  
E vem o tango comigo a dançar...

A nossa autêntica Rússia de terra preta.

– Então você acha que em Paris vai desaprender o russo?

– Há casos – dei um meio-sorriso.

– Mais precisamente...?

Sem me negar ou me fazer de difícil, contei-lhe ali mesmo uma história triste.

## Era uma vez um escritor russo

Um navio a vapor russo deixava as margens da Rússia rumo ao exterior. Debruçado na amurada um escritor russo, tendo ao lado a esposa, dizia baixinho:

– Adeus, minha pobre terra destroçada. Abandono-te por algum tempo. Já se interpõem no horizonte a Torre Eiffel, a Notre-Dame, o bulevar dos Italianos, mas ainda não sumiste dos meus olhos, ó minha velha, boa e tão amada Rússia. Mesmo no estrangeiro eu vou me lembrar de tuas pequeninas igrejinhas e teus conventos verdejantes, vou me lembrar de ti, frio e belo Petersburgo, tuas ruas e tuas casas, vou me lembrar do Medved<sup>2</sup> na rua Koniúchennaia, onde era tão bom bebericar uma *riabínovka*<sup>3</sup> depois de comer um *rasstegai*<sup>4</sup>. Por toda vida ficarás engravada no meu cérebro, ó minha engraçada, absurda e infinitamente amada Rússia!

A esposa estava ali parada, ouvindo esse discurso do escritor – e chorava.

\* \* \*

2 Literalmente: urso. Nome de um restaurante de São Petersburgo famoso à época [N. da T.]

3 Licor de sorva, que se costuma tomar como aperitivo [N. da T.]

4 Torta típica, recheada com peixe ou outros [N. da T.].

Passou-se um ano.

O escritor russo já tinha um apartamento no bulevar Grenelle e um serviço na rua Marbeuf. Muitos motoristas de táxi o cumprimentavam de cabeça como um velho conhecido, já tinha o seu café predileto na rua Pigalle e o seu botequim na rua Saint-Michel, onde ficou freguês de um guisado de coelho com um *ordinaire*<sup>5</sup> muito razoável.

Um dia ele chegou em casa depois do coelho, depois do *ordinaire*, sentou-se à escrivaninha, pensou e, ao sacudir a cabeça, decidiu escrever um conto sobre sua querida pátria.

– O que você quer fazer? – perguntou a esposa.

– Quero escrever um conto.

– Sobre o quê?

– Sobre a Rússia.

– Sobre quê?!

– Meu Deus, será que você é surda? Sobre a Rússia!!!

– *Calmez-vous, je vous pries*<sup>6</sup>. O que poderia escrever sobre a Rússia?

– Ah, muita coisa. Poderia começar assim: “Caía uma chuva tristonha e aborrecida como só podia haver em Petersburgo. Um jovem alto caminhava rapidamente pela deserta a essa hora do dia, rua Deribásovskaia...”

– Espere, existe essa rua em Petersburgo?

– Diabos que existe! É uma palavrinha conhecida. Mas, para ficar mais fácil – na rua Niévski.<sup>7</sup> Então: “Um jovem alto caminhou rapidamente pela rua Niévski, dobrou na Koniúchennaia e, esfregando as mãos, entrou no *chez Medved*. – Está com frio, *monsieur*? – perguntou o *maître d’hôtel*, dando-lhe o cartão. – *Mais oui*, – replicou este jovem senhor – eu ser muito friabundo no meu frágil organismo.”

– Escute – interrompeu timidamente a esposa – existe essa palavra “friabundo”?

5 Em francês, vinho de mesa comum [N. da T.].

6 Em francês: “Acalme-se, eu lhe peço” [N. da T.].

7 O escritor faz confusão citando a rua Deribásovskaia, uma rua de Odessa como sendo de São Petersburgo, e, ao se referir à avenida Niévski, cita-a como rua [N. da T.].

– Claro. O homem que se resfria rapidamente, em essência ele é um friabundo. Eu escrevo mais adiante: “ – Muito vos rogo... – disse aquele jovem – Sirva-me um *zastegai* com um pouquíssimo de *poisson bien frais*<sup>8</sup> e um cálice de *rabinovka*”.

– O que é *rabinovka*?

– É... *du vodka*.

– Para mim é um sobrenome judeu – Rabinovka, a esposa do rabino.

– Ah, você pensa isso, é? Hmm... Mas como é difícil escrever em russo!

E ele se pôs a roer a pena.

Ficou roendo até de manhã.

\* \* \*

E mais um ano voou sobre o escritor e sua esposa. O escritor engordou, arredondou, arrumou seu próprio automóvel – em geral, aquela gazeta noturna na qual ele conduzia a crônica parisiense pagava-lhe generosamente – a *ce célèbre russe*<sup>9</sup>.

Certo dia ele voltou do restaurante onde a orquestra inesperadamente começara a tocar “Deus guarde o Tzar”.

A melodia conhecida inspirou-lhe toda uma revoada de pensamentos sobre a Rússia.

“Oh, *notre pauvre Russie* – pensou ele tristemente – Quando eu *arrive* em casa, alguma coisa *irai* escrever sobre nossa pequena *maman Russie*<sup>10</sup>.”

Chegou. Sentou-se. Escreveu.

“Estava um grande chuvinha. O tempo parecia aquilo que se chamava um *véritable pertersburgean*<sup>11</sup>. Um jovem senhor andava sobre uma rua, de nome esta rua Khreschiátik<sup>12</sup>. Ele queria muito *manger*<sup>13</sup>. Ele entra na Koniúchnia<sup>14</sup>, montar

8 Em francês: peixe bem fresco [N. da T.].

9 Em francês: àquele russo célebre [N. da T.].

10 Provavelmente, o escritor queria dizer: “Oh, nossa pobre Rússia! Quando eu chegar em casa irei escrever alguma coisa sobre nossa pequena mãe Rússia” [N. da T.].

11 Em francês: um verdadeiro pertersburguês [N. da T.].

12 Nova confusão: a rua Khreschiátik na verdade fica em Kyiv [N. da T.].

13 Em francês: comer [N. da T.].

14 O escritor confunde o nome da rua com a palavra *koniúchnia*, estábulo [N. da T.].

no medvéd<sup>15</sup>, e ir ao *restaurant* onde ele dizer: – ‘*Garçon, une tasse*<sup>16</sup> de *rabinóvitch* e uma *zastegáitchik avec* um prrratinho com sopa de peixe...”

Eu terminei.

Meu interlocutor estava completamente esmagado pelo peso da história.

Aproximou-se de nós um maltrapilho usando um fez vermelho, que disse em bom russo:

– E aí, rapaziada, alguém tem fogo para eu acender meu cigarro?

– É verdade... – disse meu interlocutor, dando uma risadinha – vai ser difícil para você sair de uma cidade russa como esta.

Teffi

### Que faire?<sup>17</sup>

Contaram-me esta: um general russo refugiado saiu na Praça da Concórdia, olhou para os dois lados, mirou o céu, a praça, os edifícios, a multidão barulhenta, depois coçou a base do nariz e falou com emoção:

– Bem... Tudo isso, senhores, é claro, está bom! Está mesmo muito bom.

Mas... *Que faire?*<sup>18</sup> *Faire* o quê?

Esse general – é apenas um prelúdio.

A história vem a seguir.

\* \* \*

Nós, os assim chamados *lerussi*<sup>19</sup>, vivemos uma vida das mais estranhas, que não se parece com outras vidas. Mantemo-nos unidos não por força de atração

15 *Medved*, além do nome do restaurante famoso em São Petersburgo, em russo também significa “urso” [N. da T.].

16 Em francês: um cálice [N. da T.]

17 Tradução a partir de: Teffi. *Que faire*. In *Vsio o liubví. Gorodók. Rys: Khudójestvennaia proza*. Moscou: Direct-Media, 2014, pp. 333-336.

18 Também referência a uma das chamadas “perguntas malditas” da Rússia do século XIX, que, inclusive, dá nome ao romance de Niolai Tchernychévski *O que fazer?* [N. da T.].

19 Aliteração do francês: *les russes* [N. da T.].

mútua, como num sistema planetário, por exemplo, mas – contrariando as leis da física – por uma mútua repulsão.

Todo *leruss* odeia os outros tão definitivamente quanto os demais o odeiam. Esse estado de ânimo gerou novas construções na língua russa. Assim, por exemplo, entrou em uso a partícula *Vor*<sup>20</sup>, colocada antes do nome de cada *leruss*:

Vor-Akímenko, Vor-Petrov, Vor-Saviéliiev.

Essa partícula há tempos perdeu seu sentido original e assumiu o caráter, não sei se do francês *le*, para designar o gênero da pessoa referida, ou se do título espanhol *Don*.

Don Diego, Don José.

Ouve-se nas conversas:

– Ontem havia várias pessoas na casa de Vor-Viélski. Estavam Vor-Ivanov, Vor-Gússin e Vor-Popov. Jogaram bridge. Muito simpático.

Homens de negócio proseiam:

– Acharia bom incluir Vor-Pártchenko no nosso negócio. É uma pessoa muito útil.

– Mas ele... Como se diz... não abusa da confiança?

– Meu Pai do Céu! Vor-Pártchenko? Uma pessoa honestíssima! Uma alma cristalina.

– Não seria melhor, talvez, convidar Vor-Kussátchenko?

– Ah não, esse é mais ladrão ainda.

No início, os recém-chegados ficam muito surpresos ao ouvir a partícula, assustam-se:

– Mas por que ladrão? Quem disse? Foi provado? Onde ele roubou?

E ainda mais assustados ficam com a resposta indiferente:

– Sei lá, porque, onde... Dizem – ladrão, e pronto.

– E se não for verdade?

– Mas claro que é! Por que não seria ladrão?

E de fato – por que não?

\* \* \*

---

20 Em russo, ladrão [N. da T.].

Unidos pela repulsão mútua, os *lerussi* definitivamente dividem-se em duas categorias: os que vendem a Rússia e os que a salvam.

Os que a vendem vivem alegremente. Frequentam os teatros, dançam o foxtrote, mantêm cozinheiros russos, comem *borsch* russo e o servem àqueles que a salvam. Dentre todas essas ocupações fúteis, não se descuidam em absoluto do seu negócio principal, e se vocês lhes perguntarem a quanto estão vendendo a Rússia, e em que condições, dificilmente darão uma resposta inteligível.

Os que a salvam representam o outro quadro: agitam-se dia e noite, debatem-se nas malhas de intrigas políticas, perambulam para lá e para cá, desmascaram uns aos outros.

Tratam os “vendedores” com benevolência e lhes cobram dinheiro para salvar a Rússia. Odeiam-se uns aos outros com um ódio incandescente.

– Vocês viram que grande canalha é Vor-Oviétchkin<sup>21</sup>? Está vendendo a cidade de Tambov.

– Não me diga! Para quem?

– Como, para quem? Para os chilenos!

– O quê?

– Chilenos! Eis o quê.

– E para que os chilenos quereriam Tambov?

– Que pergunta! Eles precisam de um ponto de apoio na Rússia.

– Mas se Tambov não pertence a Oviétchkin, como ele pode vender?

– Eu já disse que ele é um cafajeste. Ele e o Vor-Gávkin também aprontaram esta: você imagina que eles levaram a nossa secretária junto com a máquina de escrever, justamente num momento em que devíamos apoiar o governo da cidade de Ust-Sissolsk?

– Mas existe tal governo?

– Existiu. É verdade que por pouco tempo. Um tenente-coronel se auto-declarou Governo. Conseguiu por um dia e meio. Se nós o tivéssemos apoiado a tempo, seria uma causa ganha. Mas como se meter numa coisa dessas sem máquina de escrever? Agora perdemos a Rússia. E tudo por ele: Vor-Oviétchkin. E Vor-Koróbkín – ouviu? Também é bom... Nomeou-se embaixador do Japão.

– Mas quem o designou?

---

21 O sobrenome remete à palavra ovelha em russo [N. da T.]

– Ninguém sabe. Ele alega que foi um governo da estação de manobra de trens em Tirásspol. Um governo que existiu por uns quinze a vinte minutos... por algum mal-entendido. Depois ele mesmo se confundiu e se extinguiu. Mas o Koróbkin não foi bobo, e em quinze minutos arranjou tudo.

– Mas quem vai reconhecê-lo?

– Tanto faz! Para ele, o que importava era conseguir o visto. Foi para isso que se nomeou. Que horror!

– Você ouviu as últimas notícias? Dizem que a cidade de Bakhmatch foi tomada?

– Por quem?

– Ninguém sabe.

– Mas de quem foi tomada?

– Também não se sabe. Que horror!

– Mas como se soube?

– Pelo rádio. Nós somos servidos por três rádios: a soviética Sovrádio; a ucraniana Ucrádio e a nossa primeira rádio europeia Perivrádio<sup>22</sup>.

– E o que Paris diz a isso?

– Paris, como se sabe, é “cachorro no rio Sena”.<sup>23</sup> Aí é que está!

– Afinal, alguém entende alguma coisa?

– Vai saber! Tiútchev mesmo disse, você bem sabe, que “não se entende a Rússia com a mente”, mas, já que no organismo humano não existe outro órgão para a compreensão, então só nos resta abanar com a mão, deixar pra lá. Dizem que um ativista local começou a compreender com a barriga, mas foi demitido.

– Então tá...

\* \* \*

– Então tá...

O general olhou para os dois lados e disse com emoção:

---

22 Trata-se de um jogo de palavras com os nomes das três rádios: Sovrádio remete ao verbo *sovrat* (mentir); Ucrádio remete ao verbo *ukrast* (roubar); e Perivrádio remete ao verbo *perevrat* (confundir, misturar) [N. da T.].

23 Trocadilho com o provérbio russo “как собака на сене...” que significa “como cachorro na palha”, isto é, que não come a palha, nem deixa os outros comerem [N. da T.].

– Bem... Tudo isso, senhores, é claro, está bom! Está mesmo muito bom!  
 Mas... *Que faire? Faire* o quê?  
 De fato... o quê?

Teffi

### Cidadezinha<sup>24</sup>

Era uma cidade não muito grande – tinha uns quarenta mil habitantes, uma única igreja e imensa quantidade de tabernas.

Um riozinho cruzava essa cidade. Antigamente o rio chamava-se Sekwana<sup>25</sup>, depois virou Sena, e quando se fundou lá a cidadezinha, os moradores passaram a chamá-lo o “Nevazinho deles”<sup>26</sup>. Ainda assim, lembravam-se da velha denominação, conforme se vê pelo provérbio da época: “Nós vivemos como cachorros no Sena<sup>27</sup> – mal!”.

A população vivia amontoada: ou na aldeiazinha de Passy, ou na de Rive Gauche<sup>28</sup>. Ocupavam-se de pequenos bicos para viver. A maior parte dos jovens fazia carretos – eram choferes. As pessoas de mais idade, ou mantinham tabernas, ou serviam nelas: os morenos posavam de ciganos ou caucasianos; os loiros posavam de ucranianos.

As mulheres costuravam vestidos umas para as outras e faziam chapéus. Os homens faziam dívidas uns com os outros.

Além de homens e mulheres, a população da cidadezinha era composta de ministros e generais. Dentre estes, só uma minoria se ocupava de carretos – a maioria, predominantemente de dívidas ou de memórias.

As memórias eram escritas para engrandecimento do próprio nome ou vexame dos correligionários. A diferença entre essas memórias era que enquanto umas eram escritas a mão, outras eram escritas a máquina.

24 Tradução a partir de: Teffi, Nadiejda. A cidadezinha. [Gorodok]. In *Vsio o liubví. Gorodók. Rys: Khudójestvennaia proza*. Moscou: Direct-Media, 2014, p. 185.

25 Antigo nome do rio Sena [N. da T.].

26 Referência ao rio Nevá, de São Petersburgo [N. da T.].

27 Trocadilho do ditado russo: *kak sobaka na siéne* que significa “como cachorro na palha”, isto é, que não come a palha, nem deixa os outros comerem [N. da T.].

28 Ambos bairros de Paris [N. da T.].

A vida transcorria muito monótona.

De vez em quando, surgia na pequena cidade algum teatrinho. Apresentavam pratos que se mexiam e relógios que dançavam. Os cidadãos exigiam entradas grátis, mas falavam dos espetáculos com desprezo. A direção distribuía ingressos grátis e depois se extinguia lentamente, sob os xingamentos triunfantes do público.

Havia na cidadezinha, ainda, um jornal que todos desejavam receber de graça. Mas o jornal resistia, não se entregava e sobrevivia.

Eles tinham pouco interesse pela vida social. Reuniam-se mais sob o pretexto do *borsch* russo, mas em pequenos grupos, porque todos odiavam tanto uns aos outros que era impossível juntar vinte pessoas das quais dez não fossem inimigas das outras dez. E se não eram, imediatamente se tornariam.

A localização da cidadezinha era muito estranha. Não era rodeada por campos, florestas ou vales. Era rodeada por ruas da mais brilhante capital do mundo, com esplêndidos museus, galerias, teatros. Mas os habitantes da cidadezinha não se fundiam nem se misturavam com os da capital, nem aproveitavam os frutos da cultura alheia. Até lojinhas, eles abriam as suas próprias. E quanto aos museus e galerias, era raro que alguém lhes fizesse uma visita. Não tinham tempo – para quê “com a nossa pobreza, esse tipo de frescuras”?.

No começo, os habitantes da capital olhavam para eles com interesse – estudavam seus costumes, sua arte, seu cotidiano – do mesmo modo como, em outro momento, o mundo culto se interessou pelos astecas.

Uma tribo em extinção. Descendentes daquela grandiosa, gloriosa gente – que foi... que fez... da qual se orgulha a humanidade.

Depois o interesse por eles murchou. Eles forneciam choferes razoáveis e bordadeiras para os nossos *ouvroir*.<sup>29</sup> Suas danças são engraçadas, e curiosa a sua música.

Os habitantes da cidadezinha falavam um estranho dialeto, no qual, entretanto, os filólogos reconheciam sem dificuldade raízes eslavas.

As pessoas da cidadezinha amavam quando alguém da tribo era desmascarado como sendo ladrão, vigarista ou traidor. Além disso, eles amavam ricota e as longas conversas ao telefone.

Eles eram maus e jamais riam.

---

29 Aтелиès que repassavam trabalhos de costura a serem feitos em casa [N. da T.].

Аркадий Аверченко  
**Трагедия русского писателя**

Меня часто спрашивают:

— Простодушный! Почему вы торчите в Константинополе? Почему не уезжаете в Париж?

— Боюсь, — робко шепчу я.

— Вот чудак... Чего же вы боитесь?

— Я — писатель. И поэтому, боюсь оторваться от родной территории, боюсь потерять связь с родным языком.

— Эва! Да какая же эта родная территория — Константинополь!

— Помилуйте, никакой разницы. Проходишь мимо автомобиля — шоффер кричит: «Пожалуйста, господин!» Цветы тебе предлагают: «Не купите ли цветочков? Дюже ароматные» Рядом: «Пончики замечательные!». В ресторан зашел — со швейцаром о Достоевском поговорил, в шантан пойдешь, слышишь:

Матреха, брось свои замашки,  
Скорей тангу со мной пляши...

Подлинная черноземная Россия!

— Так вы думаете, что в Париже разучитесь писать по-русски?

— Тому есть примеры, — печально улыбнулся я.

— А именно?..

Не отнекиваясь, не ломаясь, я тут же рассказал одну грустную историю.

**О русском писателе**

Русский пароход покидал крымские берега, отплывая за границу.

Опершись о борт, стоял русский писатель рядом со своей женой и тихо говорил:

— Прощай, моя бедная, истерзанная родина! Временно я покидаю тебя. Уже на горизонте маячит Эйфелева башня, Нотр-Дам, Итальянский

бульвар, но еще не скрылась с глаз моих ты, моя старая, добрая, так любимая мной Россия! И на чужбине я буду помнить твои маленькие церковки и зеленые монастыри, буду помнить тебя, холодный красавец Петербург, твои улицы, дома, буду помнить «Медведя» на Конюшенной, где так хорошо было запить растегай рюмкой рябиновой! На всю жизнь врежешься ты в мозг мой — моя смешная, нелепая и бесконечно любимая Россия.

Жена стояла тут же; слушала эти писательские слова — и плакала.

\* \* \*

Прошел год.

У русского писателя была уже квартирка на бульваре Гренелл и служба на улице Марбеф; многие шофферы такси уже кивали ему головой, как старому знакомому, уже у него было свое излюбленное кафе на улице Пигаль и кабачок на улице Сен-Мишель, где он облюбовал рагу из кролика и совсем недурное «ординэр»...

Пришел он однажды домой после кролика, после «ординэр'а», сел за письменный стол, подумал и, потрянув головой, решил написать рассказ о своей дорогой родине.

— Что ты хочешь делать? — спросила жена.

— Хочу рассказ писать.

— О чем?

— О России.

— О че-ем?!..

— Господи боже ты мой! Глухая ты, что ли? О Рос-си-и!!!

— Calmez-vous, je vous en prie! Что же ты можешь писать о России?

— Мало ли! Начну так: «Шел унылый, скучный дождь, который только и может идти в Петербурге... Высокий молодой человек быстро шагал по пустынной в это время дня Дерибасовской...»

— Постой, разве такая улица есть в Петербурге?

— А чорт его знает! Знакомое словцо. Впрочем, поставлю для верности — Невскую улицу! Итак: «...Высокий молодой человек шагал по Невской улице, свернул на Конюшенную и вошел, потирая руки, к «Медведю». — Что, холодно, monsieur? — спросил метр д'отель, подавая карточку. — «Mais

оці, — возразил молодой сей господин. — Я есть большой замерзавец на свой хрупкий организм!»

— Послушай, — робко возразила жена. — Разве есть такое слово «замерзавец»?

— Ну да. Человек, который быстро замерзает, суть замерзавец. Пишу дальше: «Прошу вас очень, — сказал тот молодой господин. — Подайте мне один застегай с немножечком *roisson bien frais* и одну рюмку рабинôвку».

— Что это такое — рабинôвка?

— Это такое... *du* водка.

— А по-моему, это еврейская фамилия: Рабиновка — жена Рабиновича.

— Ты так думаешь?.. Гм! Как, однако, трудно писать по-русски!

И принялся грызть перо.

Грыз до утра.

\* \* \*

И еще год пронесся над писателем и его женой.

Писатель пополнил, округлился, завел свой *auto* — вообще, та вечерняя газета, где он вел парижскую хронику, щедро оплачивала его — «сет селебр рюсс».

Однажды он возвращался вечером из ресторана, где оркестр ни с того, ни с сего сыграл «Боже, царя храни»... Знакомая мелодия навеяла целый рой мыслей о России...

— О, нотр повр Рюсси! — печально думал он. — Когда я приходить домой, я что-нибудь будить писать о наша славненькая матучка Руссия.

Пришёл. Сел. Написал.

«Была большая дождика. Погода был то, это называй веритабль петербуржьен! Один молодой господин ходил по одна улица по имени сей улица Крепциатик. Ему очень хотелось *manger*. Он заходишь на Ко-нюшно сесть на медведь и поехать в *Restaurant* где скажишь: «*Garson, une ve рабинôвич и одна застегайчик авес тарелощка с ухами*»...

Я кончил.

Мой собеседник сидел, совсем раздавленный этой тяжелой историей.

Оборванный господин в красной феске подошел к нам и хрипло сказал:

— А что, ребятаж, нет ли у кого прикурить цыгарки!

— Да, — ухмыльнулся мой собеседник. — Трудно вам уехать из русского города!

Тэффи

**Ке фер**

Рассказывали мне: вышел русский генерал-беженец на Плас де ла Конкорд, посмотрел по сторонам, глянул на небо, на площадь, на дома, на пеструю говорливую толпу, почесал переносицу и сказал с чувством:

— Все это, конечно, хорошо, господа! Очень даже все хорошо. А вот... ке фер? Фер-то ке?

Генерал -- это присказка.

Сказка будет впереди.

\* \* \*

Живем мы, так называемые лерюссы, самой странной, на другие жизни не похожей жизнью. Держимся вместе не взаимоприятием, как, например, планетная система, а -- вопреки законам физическим -- взаимоотталкиванием.

Каждый лерюсс ненавидит всех остальных столь же определенно, сколь все остальные ненавидят его.

Настроение это вызвало некоторые новообразования в русской речи. Так, например, вошла в обиход частица «вор», которую ставят перед именем каждого лерюсса:

Вор-Акименко, вор-Петров, вор-Савельев.

Частица эта давно утратила свое первоначальное значение и носит характер не то французского «Le» для обозначения пола именуемого лица, не то испанской приставки «дон»:

Дон Диего, дон Хозе.

Слышатся разговоры:

-- Вчера у вора-Вельского собралось несколько человек. Были вор-Иванов, вор-Гусин, вор-Попов. Играли в бридж. Очень мило.

Деловые люди беседуют:

-- Советую вам привлечь к нашему делу вора-Парченку. Очень полезный человек.

-- А он не того... не злоупотребляет доверием?

-- Господь с вами! Вор-Парченко? Да это честнейшая личность! Кристальной души.

-- А может быть, лучше пригласить вора-Кусаченко?

-- Ну нет, этот гораздо ворее.

Свежеприезжего эта приставка первое время сильно удивляет, даже пугает:

-- Почему вор? Кто решил? Кто доказал? Где украл?

И еще больше пугает равнодушный ответ:

-- А кто ж его знает -- почему да где... Говорят -- вор, ну и ладно.

-- А вдруг это неправда?

-- Ну вот еще! А почему бы ему и не быть вором!

И действительно -- почему?

\* \* \*

Соединенные взаимным отталкиванием, лерюссы определенно разделяются на две категории: на продающих Россию и спасающих ее.

Продающие живут весело. Ездят по театрам, танцуют фокстроты, держат русских поваров, едят русские борщи и угощают ими спасающих Россию. Среди всех этих ерундовых занятий совсем не брезгают своим главным делом, а если вы захотите у них справиться, почем теперь и на каких условиях продается Россия, вряд ли смогут дать толковый ответ.

Другую картину представляют из себя спасающие: они хлопочут день и ночь, бьются в тенетах политических интриг, куда-то ездят и разоблачают друг друга.

К «продающим» относятся добродушно и берут с них деньги на спасение России. Друг друга ненавидят белокаленной ненавистью:

-- Слышали, вор-Овечкин какой оказался мерзавец! Тамбов продает.

-- Да что вы! Кому?

-- Как кому? Чилийцам!

-- Что?

-- Чилийцам -- вот что!

-- А на что чилийцам Тамбов дался?

-- Что за вопрос! Нужен же им опорный пункт в России.

-- Так ведь Тамбов-то не овечкинский, как же он его продает?

-- Я же вам говорю, что он мерзавец. Они с вором-Гавкиным еще и не такую штуку выкинули: можете себе представить, взяли да и переманили к себе нашу барышню с пишущей машинкой как раз в тот момент, когда мы должны были поддержать Усть-Сысольское правительство.

-- А разве такое есть?

-- Было. Положим, недолго. Один подполковник -- не помню фамилии -- объявил себя правительством. Продержался все-таки полтора дня. Если бы мы его поддержали вовремя, дело было бы выиграно. Но куда же сунешься без пишущей машинки? Вот и проворонили Россию. А все он -- вор-Овечкин. А вор-Коробкин -- слышали? Тоже хорош. Уполномочил себя послом в Японию.

-- А кто же его назначил?

-- Никому не известно. Уверяет, будто было какое-то Тирасполь-со-ртгировочное правительство. Существовало оно минут пятнадцать-двадцать, так... по недоразумению. Потом само сконфузилось и прекратилось. Ну а Коробкин как раз тут как тут, за эти четверть часа успел все это обделать.

-- Да кто же его признает?

-- А не все ли равно! Ему, главное, нужно было визу получить -- для этого он и уполномочился. Ужас!

-- А слышали последние новости? Говорят, Бахмач взят!

-- Кем?

-- Неизвестно!

-- А у кого?

-- Тоже неизвестно. Ужас!

-- Да откуда же вы это узнали?

-- Из радио. Нас обслуживают три радио: советское «Соврадио», украинское «Украндио» и наше собственное первое европейское -- «Переврадио».

-- А Париж как к этому относится?

-- Что Париж? Париж, известно, -- как собака на Сене. Ему что!

-- Ну а скажите, кто-нибудь что-нибудь понимает?

-- Вряд ли! Сами знаете, еще Тютчев сказал, что «умом Россию не понять», а так как другого органа для понимания в человеческом организме не находится, то и остается махнуть рукой. Один из здешних общественных деятелей начинал, говорят, животом понимать, да его уволили.

-- Н-да-м...

\* \* \*

-- Н-да-м...

Посмотрел, значит, генерал по сторонам и сказал с чувством:

-- Все это, господа, конечно, хорошо. Очень даже все это хорошо. А вот... ке фер? Фер-то ке?

Действительно -- ке?

### Тэффи Городок

Это был небольшой городок -- жителей в нём было тысяч сорок, одна церковь и непомерное количество трактиров.

Через городок протекала речка. В стародавние времена звали речку Секваной, потом Сенной, а когда основался на ней городишко, жители стали называть её «ихняя Невка». Но старое название всё-таки помнили, на что указывает существовавшая поговорка: «живём, как собаки на Сене -- худо!»

Жило население скученно: либо в слободке на Пасях, либо на Ривгоше. Занималось промыслами. Молодёжь большею частью извозом -- служила шофёрами. Люди зрелого возраста содержали трактиры или служили в этих трактирах: брюнеты -- в качестве цыган и кавказцев, блондины -- малороссами.

Женщины шили друг другу платья и делали шляпки. Мужчины делали друг у друга долги.

Кроме мужчин и женщин, население городишки состояло из министров и генералов. Из них только малая часть занималась извозом -- большая преимущественно долгами и мемуарами.

Мемуары писались для возвеличения собственного имени и для посрамления сподвижников. Разница между мемуарами заключалась в том, что одни писались от руки, другие на пишущей машинке.

Жизнь протекала очень однообразно.

Иногда появлялся в городке какой-нибудь театрик. Показывали в нём оживлённые тарелки и танцующие часы. Граждане требовали себе даровых билетов, но к спектаклям относились недоброжелательно. Дирекция раздавала даровые билеты и тихо угасала под торжествующую ругань публики.

Была в городишке и газета, которую тоже все желали получать даром, но газета крепилась, не давалась и жила.

Общественной жизнью интересовались мало. Собирались больше под лозунгом русского борща, но небольшими группами, потому что все так ненавидели друг друга, что нельзя было соединить двадцать человек, из которых десять не были бы врагами десяти остальных. А если не были, то немедленно делались.

Местоположение городка было очень странное. Окружали его не поля, не леса, не долины, -- окружали его улицы самой блестящей столицы мира, с чудесными музеями, галереями, театрами. Но жители городка не сливались и не смешивались с жителями столицы и плодами чужой культуры не пользовались. Даже магазинчики заводили свои. И в музеи и галереи редко кто заглядывал. Некогда, да и к чему -- «при нашей бедности такие нежности».

Жители столицы смотрели на них сначала с интересом, изучали их нравы, искусство, быт, как интересовался когда-то культурный мир ацтеками.

Вымирающее племя... Потомки тех великих славных людей, которых... которые... которыми гордится человечество!

Потом интерес погас.

Из них вышли недурные шофёры и вышивальщицы для наших увруаров. Забавны их пляски и любопытна их музыка...

Жители городка говорили на странном аргю, в которм, однако, филологи легко находили славянские корни.

Жители городка любили, когда кто-нибудь из их племени оказывался вором, жуликом или предателем. Ещё любили они твoрог и долгие разговоры по телефону.

Они никогда не смеялись и были очень злы.

## Referências bibliográficas

BAKHIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais* (Tradução de Y. F. Vieira). São Paulo: HUCITEC/[Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

RAEFF, Marc. *Russia abroad: A cultural story of the Russian emigration, 1919-1939*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

SCHNAIDERMAN, Boris; ASCHER, Nelson. Cinco poemas russos. In: *Literatura e sociedade*, n. 26, 2018, p. 199-201.

VÓLKOVA AMÉRICO, Ekaterina; CHAGAS KONDRATIUK, Márcia. Uma odisseia sem retorno: O Exílio nas Crônicas de Arkádi Aviértchenko e Teffi. In: *Diacrítica*, 35(3), 2021, p. 1-12. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/diacritica.700> Acesso em 21/06/2022.